

RESUMO

Este artigo é parte de pesquisa realizada para minha tese de doutoramento em Antropologia Social, concluída em 1997, na USP, cuja temática tratou de pesquisar e compreender os rituais católicos da missa e do culto, nos modos como são vivenciados por um grupo de agentes religiosos, de origem rural, em seus processos de incorporação na vida urbana. A pesquisa etnográfica junto a duas Comunidades Eclesiais de Base, no bairro Petrolândia- município de Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG permitiu compreender os rituais da missa e do culto em sua dimensão institucional e, principalmente, vivencial, quando descrevi e interpretei sua realização e tradução pelos integrantes das Comunidades de Base e constatei que essa experiência religiosa se constituía em expressão material e simbólica de sociabilidade na integração daqueles grupos no meio urbano.

Palavras- chave: rituais - culto – missa- comunidades eclesiais de base – Petrolândia –

ABSTRACT

This article is part of my Doctorate Thesis in Social Anthropology, concluded in 1997 at USP. In this research, the thematic was the catholic rituals of the mass and the cult, in the ways as they are deeply lived by a group of religious agents, came from the countryside, in their incorporation processes into the urban life. The ethnographic research was developed in two *Comunidades Eclesiais de Base* at Petrolândia quarter at the city of Contagem, at the Metropolitan Region of Belo Horizonte in the Minas Gerais state. It allowed to understand the rituals of the mass and the cult in its institutional and, mainly, existential dimensions. Starting from this point, I described and interpreted the accomplishment and translation of that dimensions by those members and evidenced that this religious experience establish itself as a material and a symbolic expressions of sociability in the integration of those groups in the urban way.

Key- words: rituals - mass – cult - comunidades eclesiais de base- Petrolândia

Sandra de Fátima Pereira Tosta, Graduada em Comunicação Social, Mestre em Educação e Doutora em Antropologia Social, é professora da PUC- Minas. Pesquisadora de temáticas ligadas à cultura, mídia e educação, na linha de pesquisa: Educação, Cotidiano Escolar e Diferença Cultural, no Programa de Pós-graduação em Educação da PUC- Minas. Autora de livros e artigos, dentre eles: O computador não é uma lousa: as tecnologias de comunicação e informação e a prática docente (Educação Brasileira. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Vol. 22, n. 45, julho/dezembro, 2000; Antropologia e Educação: tecendo diálogos –(Educação-Revista do Departamento de Pedagogia da PUC – Minas. Vol.1, n.4, Belo Horizonte: PUC- Minas, 1999); Frei Bernardino: um jeito de viver- sociedade, religião e moral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (co-org.) e: O PROINFO e sua especificidade em MG. (Educação e sociabilidade. Vozes, 2004). Pedagogia e Comunicação no registro da liberdade, pela Ed. PUC- Minas, 2005; Sociabilidades contemporâneas- jovens em escolas (A escola e seus atores, ed. Autêntica, 2005); e O Imaginário Religioso de Jovens de uma Região Operária da Grande Belo Horizonte, nos anos 90. (Caderno de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. vol.22, n.1, janeiro- junho, 2006)

Belo Horizonte, novembro de 2007

sandra@pucminas.br

Cel.: 31- 9285-6787

A MISSA E O CULTO VISTOS DO LADO DE FORA DO ALTAR: RELIGIÃO E SOCIABILIDADES CONTEMPORÂNEAS⁽¹⁾.

Sandra Pereira Tosta

*Amanhã é dia santo, dia de São Nicolau.
Quem tem roupa vai à missa, quem não
tem, sobe no pau.*
(Dito popular do Vale do Jequitinhonha)

1- NOTAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A missa, culto oficial da Igreja Católica, tem sido palco de debates, propostas, mudanças e controvérsias que marcam continuidades e descontinuidades em seu andamento. Dada a sua centralidade ritual, tomei essa liturgia como um foco para compreender os modos como esse fenômeno religioso é experimentado e vivido por um grupo social específico, formado por moradores de um bairro operário na cidade de Contagem, em Minas Gerais, em sua maioria, vindos de zonas rurais do interior do Estado. Esse grupo carregava traços culturais comuns a outros grupos com os quais convivi entre os anos de 1970 e 1980, quando a PUC - Minas desenvolvia atividade de extensão no Vale do Jequitinhonha, Região Nordeste do Estado. Entre esses traços, a religião, pouco significada por mim à época, destacava-se. Os homens e mulheres integrantes desse grupo, como tantos outros que migraram de seus locais de origem em busca de *uma vida melhor* na Capital, foram incorporados ao ritmo de vida da cidade grande, mas mantiveram a religião como experiência central de suas experiências materiais e simbólicas, nos moldes de suas terras de origem. Assim, mantiveram, principalmente o hábito de freqüentar a missa e o culto, quando, então, se reuniam para celebrar seus deuses e sua fé. Era, também, nesse espaço em que debatiam seus problemas e se organizavam em busca de alternativas de solução, por exemplo, para o registro do lote, briga por água, escola, asfalto, praça, entre outros. A missa era, portanto, um ritual que congregava e animava as pessoas. Da mesma forma era o espaço para realização de festas, batizados, aniversários, casamentos. Mas também marcava outras passagens como a perda de companheiros e familiares pela morte natural ou por outros motivos e/ou a chegada e incorporação de novos.

Pois bem, fui buscar este grupo, sujeitos desta pesquisa, em Petrolândia, bairro operário criado na década de 1970 na Região Metropolitana da Grande Belo Horizonte - RMBH, assim chamado por sua localização no entorno da Refinaria de Petróleo Gabriel Passos onde seus primeiros moradores trabalhavam. É um bairro pobre, pertencente à paróquia Jesus Operário,

da Arquidiocese da Capital. A exemplo de muitos outros, concentra, em sua população, pessoas oriundas de cidades do interior e da zona rural. A praça principal do bairro chama-se Petrobrás e suas ruas centrais carregam nomes de derivados do petróleo.

Neste lugar, palco de minhas investigações, procurei observar tudo que ocorria, esforçando-me para compreender como a missa era produzida e celebrada e como esse grupo social dela participava. Denominei *agentes* os moradores do bairro, agentes religiosos da igreja local, filiados

A partir de que lugares essa liturgia se realiza, plasmando-se à realidade e produzindo sentidos que se misturam a tantos outros da vida cotidiana daquela gente. O bairro Petrolândia pertence à e a história de ambos foi registrada na pesquisa através da fala de um grupo de moradores constituído agentes religiosos da Igreja local. Agentes que eram filiados às duas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): de Nossa Senhora Aparecida e a de Nossa Senhora de Guadalupe e que exerciam certa liderança assentada no exercício de cargos nas comunidades, em suas histórias pessoais entranhadas na história da Comunidade ou na do coletivo ou, por outras razões tais como: carisma, empatia e condição social. Aliás, compreender a história do bairro Petrolândia é compreender a história da Igreja local, pois ambas possuem dinâmicas comuns. Tal constatação antecede esta pesquisa e decorre de uma outra que eu e colegas realizamos sobre *a História do Movimento Popular na Região Operária da Grande BH, no período 1970-1980*, patrocinada pelo CNPq e pela PUC - Minas. No transcorrer da investigação, ficou evidente que a história do movimento popular nessa região se confunde com a história das igrejas católicas e com um modelo de intervenção que elas adotaram em sua inserção local.

Procurei averiguar em que bases aquela liturgia se apoiava, plasmando-se à realidade e produzindo sentidos que se misturavam a tantos outros da vida cotidiana daquela gente. Meu intuito era compreender o ritual da missa e do culto considerando a ação e as representações dos agentes desse grupo. A meu ver, sem o entendimento mais aprofundado dos mecanismos simbólicos que se operavam para dar sentido a essa experiência, ficaria difícil compreender a inserção de grupos sociais na cidade, isto é, os modos como se organizavam e se incorporavam na vida e cultura urbana.

Tendo em vista os vários sentidos s que os rituais têm para quem os realiza, constituindo, também, um modo de expressão de um comportamento social regular, seu estudo são como

chaves para o conhecimento desses grupos na cidade, no caso, em Petrolândia. Uma das características fundamentais do rito é a sua regularidade e repetição. De acordo com Cazeneuve (s.d:10), eles podem ser entendidos como “um acto que pode ser individual ou coletivo, mas que sempre, mesmo quando é bastante flexível para comportar uma margem de improvisação, permanece fiel a certas regras que constituem precisamente o que há nele de ritual”. Por essa estrutura invariante e por sua conformidade a princípios e regras, o rito torna-se um *documento* privilegiado para a descrição e interpretação de fenômenos sociais. A propósito, assinala Mauss (1993) que todo rito corresponde a uma representação religiosa e há, sempre, um rito religioso por trás de um ato. Esse ato pode ser realizado por um indivíduo como um sacerdote, ou um leigo. Em seu conjunto, ritos, representações e organizações religiosas formam o quadro das instituições estudadas.

Nesse sentido, ao eleger os rituais da missa e do culto, entre as celebrações litúrgicas da Igreja Católica, para investigação, o fiz porque eles encarnam ritos elementares como tabus, interdição, expiação, preces, passagens e trocas, entre outros. E, também, porque são fenômenos de um tipo particular de rito, que é a atualização da memória de um deus.

Voltando a Marcel Mauss, ao estudar a *Prece* num ensaio datado de 1909, demonstrou a importância desse rito religioso com argumentos pertinentes para o estudo da liturgia da missa, dado que ambos, prece e missa, são fatos de convergência de um grande número de fenômenos religiosos. Como a prece, a missa é uma crença que exprime idéias e sentimentos religiosos; é “uma atitude tomada, um ato realizado diante das coisas sagradas”. E, em sua realização, rito e mito são duas faces de uma mesma linguagem. Trata-se de um movimento que fundamenta uma prática que exprime idéias e sentimentos, ação e representação. Segundo Mauss,

um rito só encontra sua razão de ser quando se descobre o seu sentido, isto é, as noções que formam e formaram sua base, as crenças as quais ele corresponde. Um mito só é verdadeiramente explicado quando se diz de que movimentos, de que ritos ele é solidário, quais são as práticas que ele comanda (MAUSS, 1979: 103).

Em outros termos, sua essência está em sua vinculação às práticas em que funciona, ou seja, no mundo vivido. Assim, um ritual não é apenas um conjunto de movimentos repetitivos e realizados mecanicamente, despojados de sentidos e representações. Como a prece, missa e culto são fenômenos sociais, dado o caráter da religião, o conteúdo de ambos, e suas formas,

que são exclusivamente sociais, porque não existem fora de um ritual, de um discurso social adotado por um grupo religioso (OLIVEIRA & FERNANDES, 1979). Mas, ao mesmo tempo em que esse rito pleno como expressão cultural se mostra como um *documento* privilegiado para a compreensão de uma dada situação de um grupo social, ele impõe enormes desafios ao pesquisador. Um deles diz respeito à sua aparente condição de imutabilidade, de realização através de uma seqüência previsível de atos, cuja sucessão de elementos que o compõem é sempre a mesma e a única variação admitida parece ser o momento designado como *homilia*. Nesse momento, os fatos ligados à existência concreta e material dos grupos sociais podem aparecer com mais nitidez e adquirir maior visibilidade. Como, então, me acercar da celebração litúrgica, para compreendê-la na dimensão aqui pretendida ?

Mais uma vez, recorrendo-me a Marcel Mauss , encontro indicações que constituem em preciosas chaves metodológicas para a investigação dos rituais. Ele sugere que eles devam ser estudados pelos fatos mais facilmente observáveis. Para isso, sugere que se faça uma descrição densa dos rituais levando-se em conta as condições sob as quais eles ocorrem, os objetos, festas, lugares, assistência etc. Enfim, é importante que se consiga, enfim contextualizar o fato: quem age, em nome de quem, qual a qualidade desta ação. Assinala Mauss que, no ritual tudo tem um significado próprio, logo é preciso observar, minuciosamente, gestos, posturas, uso do corpo e das mãos, falas que, constituindo signos, estão sempre representando algo. O autor chama a atenção para que observe o lugar, pois, não é qualquer um que é sagrado e consagrado para tal. Por isso, importa mapear a história e a sagração do lugar dos ritos. Enfim, estudar os rituais é construir um *corpus* de dados e observações de regularidades cujas fontes de pesquisa podem ser documentos, entrevistas, inventário de nomes, ritos, recenseamentos e registros dos grupos que o realizam. Esse conjunto de informações torna-se mais claro quando analisado à luz de valores simbólicos e das cerimônias rituais (MAUSS, 1993).

A essas premissas, acrescento que, nesta viagem à Petrolândia, ao ofício de etnógrafo, juntei o de jornalista investigadora cujo compromisso é apresentar informação cultural de qualidade e contribuir para o conhecimento da e pela sociedade. Nesse sentido, cada notícia, cada informação e cada fato, aqui apresentados estão circunstanciados e referenciados para que o leitor possa deles se servir para elevar o nível de compreensão do contexto em que vive. A participação e a observação sistemática do ritual da missa e do culto realizados nas comunidades, as entrevistas individuais e coletivas, a história oral temática e outros métodos de pesquisa foram utilizadas não somente como técnicas de investigação, mas também como estratégias de encontro, de conhecimento e de comunicação com esses informantes e outros tantos moradores do bairro, como bem exige a Etnografia.

Os relatos orais emergiam, muitas vezes, das próprias entrevistas não- diretivas e serviram- me como fontes preciosas para outras informações e esclarecimentos de fatos ocorridos no bairro. As entrevistas coletivas serviram- me para reconstituir e confrontar dados, fatos, visões de mundo e da experiência religiosa internalizadas na história desses grupos. Isso me foi possível porque esses grupos faziam parte de uma sociedade comum denominada por Halbwachs de *comunidade afetiva*. Trata-se de uma comunidade cujos grupos possuem uma trajetória pontuada por acontecimentos e lembranças comuns. Assim, foram incluídos no meu estudo, evocações daqueles que compartilharam desses acontecimentos, e de muitos que, embora não vividos por todos, estavam impregnados de sentidos comuns ao grupo. Como as migrações a caminho da cidade, os projetos e os sonhos e, principalmente, as lutas empreendidas pela conquista do lugar.

Com referência à escolha do grupo de informantes para esta pesquisa privilegiei aqueles que eram agentes das duas Comunidades de Base e participavam, ativamente, da preparação e da realização dos rituais da missa e do culto. Na verdade, eram os arquitetos desses rituais. Além disso, eram líderes no bairro, destacando-se nas lutas e nos movimentos reivindicativos empreendidos em Petrolândia ao longo de sua história. Eram reconhecidos por outros moradores e serviam de referências para as celebrações na comunidade, para tomadas de decisões, solução de conflitos e busca de informação. Essa rede de informantes que resultou dessa escolha foi, gradativamente, tecida em um processo inicial de contatos e de pesquisas documentais que culminou com o conhecimento do universo pesquisado. À medida que meu conhecimento se ampliava, os personagens iam surgindo modo recorrente e sempre associados aos eventos principais do bairro e da Igreja local. E como sublinhei no decorrer desta pesquisa, esses informantes formavam uma rede podendo ser considerados modelo de católicos moradores em Petrolândia, tendo em vista suas dinâmicas religiosas. Talvez se deva a isso o grande número de católicos nesse bairro.(2)

Além de tomar essa rede como fonte de informação e de saberes, observei, eu própria, sistemáticas e assistematicamente o cotidiano do bairro e dos grupos, com quem convivi no período da investigação. Também recorri ao uso de fontes documentais tais como: registros da Associação do Bairro, da Arquidiocese e da Paróquia, Boletins da Liturgia, etc. Tive acesso às pesquisas realizadas pela Arquidiocese de Belo Horizonte sobre “Religiões na RMBH” e censos da Prefeitura Municipal de Contagem - MG. A conjugação dessas modalidades mais

qualitativas associada à interpretação de dados de pesquisas quantitativas foi valiosa para traçar o perfil socioeconômico do bairro Petrolândia no contexto da região em que se situa, permitindo-me uma compreensão mais abrangente do universo investigado.

As duas comunidades de base do bairro, *Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Guadalupe*, foram recortadas do universo local, no âmbito da Paróquia Jesus Operário e constituíram o campo específico do meu trabalho. Permitiram-me um estudo do ritual da missa e do culto dadas as diferentes características e histórias expressas por cada uma delas e por suas dinâmicas de organização e de celebração. Ao participação da missa e do culto nessas duas comunidades, procurei observar atentamente tudo que lá ocorria, com o intuito de compreender os significados para aquelas pessoas e como a experiência religiosa se articula com outras práticas sociais e culturais. Como afirma Mauss, a experiência religiosa faz sentido para o grupo social porque se encontra entrelaçada a outras experiências desse mesmo grupo e com elas dialoga todo o tempo.

Caminhando nessa direção, passei a investigar as causas de tal significado para esse grupo e o processo pelo qual esses significado se dá nas vivências cotidianas deles na cidade. Enfim, no percurso de minha viagem pelos caminhos da pesquisa etnográfica, pretendi mostrar sentidos e significados desse ritual para os moradores de Petrolândia.

Com efeito, seguindo os passos propostos por Turner (TURNER, 1974), ao estudar o ritual Ndembo, tentei fazer o estudo da liturgia da missa e do culto, dividindo-o em três momentos:

- 1º- descrição do processo ritual nos termos do que fazem seus participantes, observando como combinam suas atuações; as posições das pessoas no ambiente, delimitação dos lugares, os objetos usualmente adotados e seu valor simbólico, a seqüência da prática ritual;
- 2º- investigação complementar das posições ocupadas pelos sujeitos no ritual e na sociedade local e como tais posições se enredam;
- 3º- análise exegética dos conteúdos simbólicos do ritual, procurando traduzir fielmente a atribuição de significados dados por seus agentes a situações, crenças, origens, objetos, lugares, pessoas, cenas e cenários, linguagens etc.;

A propósito, Brandão (1982), nos seus estudos *sobre A Festa do Espírito Santo na Casa de São José*, inspirando-se em Victor Turner, concluiu que esse procedimento de análise, na verdade, recupera a ordem interna do ritual e suas projeções em esferas sociais mais amplas no primeiro e segundo momento e, no terceiro, recupera sua ideologia.

A MISSA E O CULTO DAS COMUNIDADES: AS COMUNIDADES DA MISSA E DO CULTO

Observando atenta e minuciosamente da missa e do culto, durante longo período de tempo, procurei compreender seu repertório simbólico e traduzir o pensamento nativo subjacente a ele bem como os modos como esses rituais fazem sentido para os grupos sociais em foco.

Com Durkheim, já aprendemos que a religião é como “um sistema solidário de crenças e práticas, relativas às coisas sagradas, isto é, separadas e tabus, que unem em uma mesma comunidade moral chamada de Igreja, todos aqueles que a ela aderem” (HAMELINE, 1971; FERRAROTTI, 1990). Por meio de um sistema como esse é que se exprime a força da sociedade, eficazmente simbolizada por figuras divinas, coisas sagradas, programas rituais que geram uma espécie de sobreverdade com a qual a coletividade se reforça e se mantém.

Marcel Mauss, em sua análise sobre a tese durkheimiana, a resume deste modo: “assim entendida, a religião aparece, em definitivo, como constituindo, antes de tudo, um sistema de atos que tem por objetivo fazer e refazer perpetuamente a alma da coletividade e dos indivíduos” (HAMELINE, 1971: 116). A manutenção dessa coesão social - a alma do grupo e dos indivíduos ou a sobreverdade-, depende da dotação, por parte de seus agentes, de um conjunto de crenças comuns que exprima a consciência e o sentimento de existência dessa coletividade. Essa Comunhão só é possível por meio de símbolos ou de linguagem simbólica (BRACZO, 1985). A essa função de regeneração, de manutenção, de reforço do grupo por imagens e por toda uma simbologia que o grupo se atribui, numa conferência de identidade, é que são consagrados o culto, a festa, o ritual e outras celebrações, de acordo com autores acima citados (HAMELINE, 1971).

Direi, então, que as formas como os grupos se inserem nos rituais e deles tomam parte são representações com as quais vão operar na realidade classificando as coisas dessa realidade em profanas e sagradas. Dito de outro modo, através da missa e do culto, os fiéis participantes operam mecanismos simbólicos plenos de sentidos que lhes permitem pensar a em que vivem e compreender e agir nela.

Por conseguinte, em se tratando de rituais, apoiei-me em Durkheim para entender a liturgia da missa como uma assembléia ou uma reunião cultural que dá vida às representações coletivas e revivifica-as. Tais representações resultam de modos e visões de mundo como mecanismos de simbolização e de (re)simbolização de um grupo de fiéis, que é também agente

produtor de significados ou “amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu; sendo a cultura essas teias e sua análise” (GEERTZ, 1989).

Assim sendo, sempre perseguindo o propósito de descrever e interpretar o ritual da missa e do culto nos modos como os grupos pesquisados lhes atribuíam significados, destaquei as possíveis distinções entre um e outro, considerando::

a) O ritual da missa e do culto:

- significados;
- finalidades.

b) A preparação e realização da missa e do culto:

- estrutura e conteúdo;
- símbolos e ícones (orações, cantos, gestos, objetos etc.);
- tempo e os tempos da celebração;
- diferenças que marcam o ritual da missa e do culto;
- Pão e Vinho- a magia da consagração.

a) O Ritual da Missa e do Culto

Conforme assinala Oliveira (2000), depois de *olhar e ouvir*, meus informantes em sua trajetória de vida, sugeri- lhes que se colocassem como organizadores e participantes da missa e do culto. Ora, a pessoa que pratica esses rituais e deles participa estabelece classificações, dota-os de significações e, ao mesmo tempo, incorpora visões de mundo frutos dessa experiência religiosa. Por que celebrar?, eis minha questão.

A celebração da missa é o fato central da experiência religiosa, sendo quase condição de existência da religião católica para esses agentes. Tal centralidade ocorre porque celebrar a missa quer dizer celebrar a fé, a festa, a partilha com Deus. A missa e o culto são os alimentos necessários à sobrevivência de uma relação cultural. Assim, o fiel não passa sem seu deus, o qual só existe porque tem lugar na consciência do fiel. A propósito, ouçamos alguns de nossos agentes:

a missa é o centro de nossa religião (Rogério).

a missa é o momento em que a gente entra em contato mais profundo com Deus e em comunidade, o que é mais bonito” (Lourdes).

a missa é a oração principal, onde a gente recebe a eucaristia que nos dá força; é o alimento que nos dá a força na nossa caminhada (Geralda).

a missa é uma festa que a gente acredita que Deus está no meio de nós; que a gente está celebrando a vida, celebrando os acontecimentos. Os acontecimentos que acontecem na alma da gente (Messias).(3)

Na missa e no culto, estabelece-se um momento de comunicação misteriosa e intimista, de conversação com o divino, traduzida no sentido da comunhão. A celebração do ritual pode ser considerada o resultado de outros tantos eventos ocorridos na comunidade. Conforme assinalaram alguns entrevistados, é nesse tempo em que eles se deslocam do cotidiano para, simultaneamente, viver outro tempo: o tempo da missa. Concluindo, missa e culto são expressões religiosas que constituem em práticas simbólicas sempre necessárias para se sair da trivialidade do dia-a-dia, conforme esclareceram estes entrevistados:

eu acho que a missa é o momento que você está em comum com Deus e com o próximo também né então eu gosto muito de participar por isso eu não gosto de ficar sozinha ... (Geralda).

na missa eu celebro é o meu dia-a-dia, o que eu tenho para oferecer é a minha vida mesmo (...) para reabastecer para caminhar (Luciana).

é o único momento que a gente tem para escutar os apelos de Deus porque numa oração comum que não seja a celebração da fé, a celebração da vida da gente não consegue fazer isto (Lourdes).

a missa está mais próxima da gente, coloca o mistério e a gente não sabe lidar, explicar isto. A gente sabe sentir (Ilma).

mais importante e que eu tenho pra mim conversar com Deus, eu acho (Messias).

Em seu livro, *Carnavais, Malandros e heróis*, (1990), Da Matta diz que na missa estão acentuadas relações de reforço de uma ordem preestabelecida por meio de oposições fundamentais tais como: Deus/homens, oficiante/fiéis, altar/local do público, objetos de manuseio inclusivo/exclusivo. Mas, nesse ritual, também ocorrem relações invertidas: Deus

desce até os homens, os homens sobem até Ele, objetos sagrados são incorporados ao manuseio dos fiéis. E isso resulta uma dinâmica em que se configura uma relação de conjunção na disjunção, provocando uma *evitação*, que se manifesta num conjunto de gestos controlados. São dois momentos gramaticamente relacionados em que ocorrem mecanismos da inversão e, depois, de reforço. Nessa dinâmica ritual, em que a eucaristia é o momento de centralidade, a posição de *pecador* é primeiramente acentuada para que a comunhão seja realizada e o perdão concedido.

Desse modo, a missa é um exemplo de ritual que, segundo Da Matta, revela o caráter paradoxal do momento religioso em que sagrado e profano se encontram e trata-se de criar um jogo no qual não haveria ganhadores nem perdedores. Ao contrário, nesse momento, trata-se de inventar e manter uma relação cujas partes *em ligação* têm de estar necessariamente separadas e divididas. São, antes de tudo, ritos de celebração de uma fé, de uma crença que, a exemplo dos mitos de Lèvi-Strauss, de certa forma aprisionam o homem em uma estrutura que pouco se explica externamente. E, como observa Bourdieu (1990), esses ritos existem no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos. São estruturas objetivas que independem da consciência e da vontade dos agentes sendo capazes de orientar suas práticas e representações. A fé, assim como os mitos, são linguagens simbólicas que permanecem intraduzíveis, e as categorias nas quais eles se assentam pertencem a um universo *pré-lógico*, ou se preferirmos, ao *pensamento selvagem* e à participação (SANCHIS, 1971).

Nesse ponto, parece-me oportuno recuperar, aqui, alguns sentidos já expressos em falas anteriores ao procurar saber dos informantes sobre a importância da missa. Segundo eles, ela é e serve de *alimento* compartilhado e é imprescindível à existência da *caminhada* que se realiza na intercessão do sagrado; a fé é que inspira a busca de solução para as questões materiais:

eu sinto a necessidade de receber a comunhão, de pedir perdão a Deus, lado penitencial; de cantar, de festejar junto com elas com Deus e com meus amigos ... (Messias).

quando você está na missa você está fazendo um pouquinho daquilo que Jesus fez (Mariana).

para fazer um momento de oração, de reflexão e alimentar a minha fé nessa caminhada se não fosse por isso eu não iria porque eu entendo que só tem sentido eu participar da comunidade, celebrar quando estou procurando ligar a minha vida com a fé de Jesus Cristo (D. Dôra).

O ritual é comparado a uma grande oração que pode ser traduzida numa narrativa que faz e refaz a memória do acontecimento primordial da origem. A imutabilidade e a repetição, como características do rito, são reforçadas de forma muito significativa, pelos agentes pesquisados. Um deles, por exemplo, expressou claramente: "a gente vai à missa também pelo ritual, pois a gente busca o que já sabe. Na missa está repetindo uma certa história que a gente já sabe, mas a gente precisa ouvir e quer ouvir também".

b) Na Preparação e realização da missa e do culto

Missa e culto passam por processo de preparação semelhantes guardando, porém, algumas distinções. Em comparação ao ritual do culto, a missa tem uma estrutura mais rígida e menos participativa. É denominada presidencialista, uma vez que o padre permanece como a figura central na condução da celebração, mesmo quando divide algumas funções com seus ministros. Já no culto é possível observar uma estrutura mais aberta, cujos conteúdo e formato, apesar de também fixados, são matizados e adquirem outro colorido dada a presença mais efetiva de seus participantes. Além disso, a direção do culto é menos centrada e ele é conduzido por três Ministros da eucaristia e, conta ainda, com a colaboração de um Ministro da Palavra. É importante anotar que esse ritual ocorre porque existe uma ampla mobilização da comunidade para isto. Ele não pode ser entendido como uma convocação de fiéis; é um ritual em que esses fiéis se organizam e realizam-no. Assim, ele é e expressa um ato social num processo de comunicação intenso.

Dessa forma, e comparativamente à missa, o culto é mais concelebrado do que celebrado, constituindo, como a missa, um momento que encerra, ao ser realizado, uma construção simbólica e de (re)simbolização da experiência religiosa no cotidiano desses grupos. Ambos requerem preparação, conforme descrevo a seguir:

Assim, com referência ao conteúdo é fixado pelo calendário oficial e pelas propostas de leituras também vindas da hierarquia da Igreja e já sacralizadas na tradição. As variações possíveis são relativas ao texto da homilia, que é a aplicação da Palavra de Deus à experiência da vida. Trata-se de um exercício que busca articular o conteúdo do Evangelho ao do mundo vivido.

Nas Comunidades de Base Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Guadalupe, como em toda a Paróquia Jesus Operário, a homilia das missas e a dos cultos eram traduzidas pelo chamado *Fato da Vida*. Trata-se do texto que orientava as celebrações era publicado no *Caminhando*, Boletim Litúrgico das Paróquias da Região Industrial da Grande BH. Vale lembrar que inúmeros exemplares do *Caminhando*, editado desde 1976, contribuíam para a organização dos movimentos populares na Região Industrial da RMBH, não se atendo ao formato gráfico e editorial do que se poderia entender por um boletim de liturgia. Constituíam, por outro lado, um veículo de denúncias e de mobilização de grupos sociais, assemelhado a algumas publicações da chamada imprensa alternativa, nas décadas de 1960- 1970. Neste boletim, e como herança dessa história é que se fazia a leitura dos *Fatos da Vida*, desde a escolha dos fatos propriamente até sua (re)leitura em situações de missa ou de culto nas comunidades de Petrolândia.

Quanto à participação dos grupos, era definida considerando-se a divisão das tarefas. Assim, eram escolhidos os ministros da palavra e os da comunhão. Geralmente, todos os grupos organizados nas comunidades, fossem eles eclesiais ou não, mobilizavam-se para a realização da missa e do culto. Desse modo, havia uma interação entre os grupos, seus membros transitavam em mais de um grupo ao mesmo tempo. Essa convergência para a celebração da missa e do culto ocorria também porque esses rituais centralizavam os acontecimentos nas comunidades, propiciando encontros, troca de informação e negociações em torno do planejamento de atividades como festas, barraquinhas, participação em outros eventos religiosos e não-religiosos, etc. Quando as discussões eram feitas previamente em reuniões das Equipes de Coordenação e do Conselho Comunitário, durante a celebração, as opiniões e decisões a respeito eram comunicadas aos moradores presentes nas igrejas. Desse momento em diante, a informação se multiplicava rapidamente e percorria o bairro. A propósito, cheguei a presenciar em casa de moradores conversas com vizinhos motivadas por algum acontecimento falado no culto ou na missa.

Mas, voltando às reuniões preparatórias para a celebração, eram realizadas na sede do Conselho Comunitário ou na casa de um morador. Nelas era discutido o *Fato da Vida* e definidas as leituras do Evangelho, os cânticos. Em se tratando da celebração do culto, os Ministros da Palavra dirigiam o rito e os Ministros da Eucaristia se reuniam, juntamente com o padre ou com um seminarista, para preparar as leituras e a homilia, principalmente. Por isso,

“A gente tem que ensaiar muito bem e entender o Evangelho pra falar direitinho no culto”, comentou um desses ministros. Segundo eles, ” essa parte é muito importante e nós temos que estar preparados. O padre, não, que ele já é formado pra isso !”

As equipes que participavam da liturgia eram compostas por quatro ministros da Eucaristia, quando era missa, e por cinco, incluindo um Ministro da Palavra, quando era culto. Nesse caso, o Ministro da Palavra era o dirigente da celebração. Contudo, nos cultos a que assisti na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, em lugar de um ministro, havia sempre três que o presidiam. Por fim, o grupo do coral era composto por fiéis, entre eles, os participantes do Grupo de Jovens. Eles ensaiavam os cânticos, misturando aos novos, hinos antigos da tradição religiosa como o *Bendito*, *A nós Descei* e *Com minha Mãe Estarei*.

No que tange à preparação dos templos, normalmente não havia muitas variações, pelo que pude observar. Na verdade, a Igreja estava sempre pronta como se função fosse haver a qualquer momento. Celebrações cotidianas, claro, porque durante a Semana Santa, por exemplo, a Igreja era paramentada de acordo com a ocasião. A Igreja de Guadalupe, entretanto, apresentava-se sempre mais colorida e festiva. Menos formal!

Quanto aos objetos da celebração a serem usados na missa são: a Bíblia, o altar, o Cálice, a Patena, o Missal, as vestes litúrgicas e o boletim da Liturgia, *Caminhando*, que orientava os fiéis na participação do ritual. No culto, são usados a Bíblia, o manual do culto e o mesmo boletim. Mas além desses objetos, a comunidade de Guadalupe usava cartazes e faixas evocativas de acontecimentos importantes na comunidade. Na época da pesquisa, estavam articulados à celebração. Observei, ainda, o uso de cartazes motivando e convocando os moradores da comunidade à comparecerem às reuniões, encontros, festas, etc.

Com referência aos preparativos para a realização dos rituais, optei por não ficar presa à descrição e interpretação de uma missa ou um culto especificamente. Ao contrário, tentei interpretar polissêmica e densamente estes rituais pela observação de múltiplas celebrações. Para isso, procurei perceber as diferenças existentes entre missa e culto na experiência dos agentes das duas Comunidades de Base.

2. 1 Descrição dos rituais

As missas em Petrolândia eram realizadas aos sábados às 19h e aos domingos às 7h. A frequência maior era aos domingos, como apontou pesquisa da Arquidiocese de Belo

Horizonte. Nesse dia, uma média 400 pessoas participavam do rito, de acordo com os cálculos do Pe. Pedro (feitos a partir da ocupação dos lugares dos bancos e de pessoal em pé). Em alguns desses domingos, entre 1995 e 1996, incluindo os rituais de celebração da Semana Santa, participei de cultos e missas em Petrolândia. Em todos eles a igreja esteve cheia de fiéis que chegavam sempre pouco antes do início da missa e iam procurando os lugares na frente, mais próximos do altar. Já o pessoal mais jovem ficava de papo na porta da igreja até que a missa começasse, ajeitando-se, depois, nas laterais e nos fundos do templo. Assim, obedecendo a uma espécie de código tácito, os mais idosos, homens e mulheres, sem distinção, e pessoas com os filhos de colo sentavam-se sempre à frente e os mais jovens, os casais de namorados estavam mais aos fundos. O coral se reunia no lado direito do altar e era formado, como já disse, por integrantes do grupo de jovens da comunidade. Os instrumentos usados eram um violão, um pandeiro e um tambor e algumas músicas eram cantadas e acompanhadas pela audiência com palmas e discreto movimento de corpo.

Com relação ao culto ou à celebração da Palavra, as portas da Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe eram abertas por volta de 16:30h para receber os fiéis para o culto que se iniciava às 17h. Mas, no tempo desta pesquisa, a Igreja era aberta aos fiéis para o culto que começava às 8h. Uma conquista da Comunidade Eclesial de Base, segundo alguns agentes: “Um horário melhor pra todo mundo“, como diziam. “É o horário da missa na Igreja de lá de cima, assim nosso culto tem de ser no mesmo”, comentaram outros, reivindicando, pois, um termo de equivalência nessas celebrações. As pessoas iam chegando e juntando-se aos grupos no adro da igreja. Lá dentro os integrantes do coral ajeitavam os instrumentos: um sintetizador, uma guitarra. Os ministros cuidavam de conferir a arrumação do altar, a Epístola, checar o som etc. Essa celebração a que assisti foi conduzida por três mulheres, que eram ministras da Palavra e da Eucaristia. Dona Dôra, de 74 anos, anciã do grupo e da comunidade estava no centro. Alguns jovens fizeram as leituras, inclusive a do *Fato da Vida* inscrito no *Caminhando*, acompanhado, atentamente, pelos dirigentes do culto e pela platéia. As orações dialogadas e os cantos eram seguidos, com entusiasmo, pelos fiéis. Tais práticas serão detalhadas a seguir.

- Orações, cantos e gestos

Para os agentes religiosos, sujeitos desta pesquisa, cantar é rezar e vice-versa, assim como “cada gesto representa um pedaço da celebração”, no dizer deles:

bom os cantos eu vejo que eu não posso fazer muita diferença qual que é mais bonito se é mais feio, eu só sei que ele anima muito a celebração. 30% da celebração é os cantos feito de canto, entendeu, e isso faz com que a celebração saia perfeita e isso é ótimo ...(Marcelo).

em a oração do Pai-Nosso que essa é principal dentro da celebração viu ! É a oração que Jesus rezou com os apóstolos; um dos apóstolos pediu ele pra ensinar a orar, ele deu a mão aos apóstolos e disse assim: pai-nosso e assim sucessivamente; essa é a oração mais importante, entendeu, que o povo também acha muito bonita; neste momento ao terminar o pai-nosso anuncia oração da paz e logo em seguida se reza todos juntos mesmo seja e depois partimos para o abraço da paz. Então essa é a conclusão do pai-nosso (Paulo).

o canto é uma oração, dá leveza e alívio. O canto é fundamental como as leituras (Célia).

o canto é uma oração pra mim (...) na missa às vezes dá uma caidinha no canto, aí eu falo pras meninas [do coral]: não precisa rezar não, canta que cantando você também está rezando (Messias).

Essa defesa explícita que os agentes fazem do canto, dos gestos e da oração é compartilhada e muito valorizada pelos participantes do culto e da missa. Durante o trabalho de campo, foi fácil registrar o entusiasmo da assembléia que acompanhava todos os cantos e “por inteiro”, como disse este morador:

a gente acompanha tudo por inteiro, mas a gente canta em casa, sabe ... assim, treinando pra não fazer feio na missa, mas depende muito do padre. Tem uns que mal sabe os canto e nem acompanham com a gente. Se não fosse o coral!.

O Pai Nosso é a oração principal para os agentes, como o é para a Igreja católica. Assim como os cantos, essa oração, que antecede o Abraço da Paz, marcava um momento de centralidade para os fiéis presentes na missa e no culto. E a forma como era rezada, o gesto dos braços para o alto, além de revelar, simbolicamente, o ascenso ao divino, anunciava o próprio abraço. Pela fala de alguns agentes e de outros fiéis com quem conversei, este rito da paz em termos de significado, estava em segundo lugar para eles. O primeiro cabia ao rito da consagração. O abraço no amigo, no vizinho, no conhecido, no parente parecia confirmar

laços estabelecidos fora da Igreja mas que se expressavam no espaço religioso que instaurava a *comunidade*.

- O tempo da celebração e a celebração do tempo: a festa do domingo

A Igreja instituiu o domingo como o dia da celebração, e os católicos de Petrolândia também demonstraram que preferiam ir à missa nesse dia. As pesquisas da Arquidiocese de Belo Horizonte, sobre a frequência aos ritos, confirmou este como o dia em que um maior número de fiéis comparece às celebrações. Independente da região, do bairro e da paróquia; esse dado é reafirmado em termos estatísticos (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE :1991) (4).

No entanto, alguns participantes da pesquisa não consideravam a celebração da missa aos domingos como festa, como retratam estes depoimentos:

não vejo por aí porque no dia que Jesus celebrou a primeira eucaristia foi uma confraternização não tem a menor dúvida. Mas não se fala em festa, se fala em festa nas bodas de Canah, aí sim, ali sim foi realizada uma festa. Mas no dia que Jesus instituiu a primeira eucaristia não se falava em festa. O evangelho, a bíblia em si não se fala em festa certo então não vejo por aí (Paulo).

a Igreja fala que é bom ir à missa todos os domingos; quando eu não estou a fim de ir, não vou sabe ? Quando não sinto bem, quando eu acho que vou só por ir (Messias).

Mas, de modo geral, entre os agentes, o domingo era considerado como um dia de festa, de conagração e de partilha. Essas expressões litúrgicas se ancoravam nas práticas comuns de finais de semana no bairro. De certa forma, a missa e o culto podiam ser interpretados como expressões de sociabilidade, uma vez que, no bairro Petrolândia, efetivamente, o lazer era muito limitado, para não dizer inexistente. Evidentemente, num domingo no bairro, pelas características que ele possuía- ser pobre e de periferia, ao lado das práticas religiosas, encontram-se, também, alternativas de lazer e diversão criadas pelos moradores, como: rodas de samba, grupos em conversação na praça, nas ruas e em quadras de vôlei, futebol improvisadas nas ruas ou em lotes vagos. Aliás, nem o campo de várzea existia por lá. Assim, a missa e o culto, de atividades religiosas, constituíam em atividades associativas e de sociabilização, servindo de mecanismos de acomodação na cidade. Eram comuns, também, festas cujo sentido demonstrava, possivelmente, a uma permanência do mundo rural no meio urbano. Afinal, para alguns de meus informantes, as raras oportunidades de assistirem à missa na roça, eram recebidas com muita alegria sendo. pretextos para comemorações. Certamente a

missa era considerada uma expressão verdadeiramente festiva:, festa aos domingos, como salientaram estes entrevistados:

gente tem que participar das celebrações porque é um sinal de agradecimento a Deus pela vida da gente, pelo que a gente tem. Então eu acho assim, na semana ... a gente tem uma semana toda pra gente, a gente trabalha, a gente passeia, a gente vai na cidade, a gente faz compras ... então eu acho assim, a gente tem que ter pelo menos uma hora e se dedicar a Deus (Célia).

no dia que a gente falta de ir à missa, parece que falta alguma coisa dentro da gente (Carla)

o domingo é mais necessário [para celebrar] porque o domingo é um dia que estão todos em casa, que pode vir, e na semana já dificulta para quem trabalha, dificulta o horário da missa (Manoel)

a missa é para festejar a vida, festa da criação, da amizade onde o abraço é o sinal mais significativo. Missa é sempre uma festa, porque acho que o sentido da festa é onde há partilha. Então, na missa, a gente tem a partilha do pão, a partilha da união. Missa aos domingos é obrigação, em outros dias é amor (Luciana)

2. 2 Das diferenças que marcam o ritual da missa e o ritual do culto

Diferenças existem entre celebrar o culto e celebrar a missa, como pontuaram os agentes ouvidos na pesquisa. Em uma escala de frequência, apontaram, como motivos para justificar tal distinção, em primeiro lugar, a cerimônia da consagração como uma prerrogativa do sacerdote. Depois eles assinalaram a qualidade das homílias, que podem ser pregadas mais eficientemente padre ou pelo Ministro da Palavra, dependendo do esforço e do empenho de cada um. Essa distinção relativa à pregação das homílias por leigos ou por padres mostra, também, uma equivalência, ou seja, o êxito da homília depende muito mais da preparação do que de quem vai pregá-la. Eis a visão de alguns entrevistados a esse respeito:

no culto existe uma pequenina diferença, é só sobre a consagração; que nós não temos o direito de consagrar a eucaristia, agora o resto não, o resto nós celebramos, falamos a palavra de Deus, falamos a homilia, tudo bem, está bom; o culto é a mesma coisa, a presença de Deus está ali no meio de nós do mesmo jeito (Joana).

para mim é culto ou missa, para mim tanto faz; é questão de ir ou não, entendeu ? Tem padres que eu acho melhor, agora em questão de ser culto ou

missa, não. Eu vou do mesmo jeito, eu gosto do mesmo jeito, a única diferença é que um tem padre e o outro não (Messias).

na celebração do culto não acontece a consagração eucarística que apenas os padres, eles têm essa ordem, recebem esse poder da Igreja para tal (Mariana)

a diferença que tem é porque no culto não tem a consagração então por isso que o pessoal ... às vezes muita gente não aceita porque não tem a consagração, mas eu acho que em matéria de celebração pra mim não tem diferença ...(Rogério)

Também analisei nos depoimentos dos agentes os momentos preferidos na celebração da missa e do culto, aqueles que mais os envolve. A cerimônia da consagração foi reafirmada como o momento que sinaliza o ápice da celebração, tal qual foi apontada como o traço que mais diferencia o culto da missa. Na verdade, creio tratar-se de um conjunto de declarações que remetem ao significado maior da consagração, ou seja, consideram-na como um rito. Como nos ensina Van Gennep, esses ritos são aspectos relativos à passagem dos indivíduos de uma posição à outra e podem ser interpretados como deslocamentos deles na estrutura social.

Por fim, o valor da consagração para o grupo de fiéis, pode ser sentido mais intensamente lendo esses trechos das entrevistas:

Quando o padre diz: 'Ele está no meio de nós', é uma frase que eu gosto muito de ouvir, eu até balanço a cabeça [referindo ao assentimento, à confirmação da presença de Jesus, explica o entrevistado] chama muito a atenção (Carla).

A parte principal é a consagração, para mim eu acho que é a consagração. Porque eu acho que na hora que ele levanta a hóstia ali, eu sinto uma coisa dentro de mim que está me tocando ali, sabe ? Aqui não tem campainha, mas principalmente em lugares que toca a campainha, que está mostrando que tem uma coisa diferente dentro da Igreja, então aquele povo que está distraído ali e tal; tocou a campainha alerta porque tem alguma coisa

diferente dentro da Igreja, então para mim é uma parte muito importante ... (Luciana)

É a consagração, a elevação é a que mais toca agente, porque é aquela hora que Jesus se oferece por nós, ele dá a vida por nós, é o ponto que mais toca na gente, que dá a gente mais confiança na misericórdia ... e a palavra do evangelho, é como uma semente que jogada aqui germina ... (D. Dôra).

o mais alto na celebração pra mim é ... claro que a liturgia da palavra é ponto altíssimo, entendeu, mas um ponto que representa muito pra mim é na hora da eucaristia, que ali é aquilo que Jesus fez a consagração, ali é o que Jesus fez os apóstolos hoje simbolizam para nós no dia de hoje, quer dizer, é uma seqüência, é uma corrente e não quebrou, entendeu, pra mim a importância é essa, entendeu, deixa marcado Deus é minha infância desde criancinha (Paulo).

- Pão e Vinho: a magia da consagração

Os significados que são atribuídos ao pão e ao vinho não podem ser pensados fora da dessa passagem que torna a celebração fundamental para as pessoas: o momento de ascensão ao seu deus. Pude certificar que, para eles, o que mais importava na celebração da missa, o que era mais representativo e mais os sensibilizava era, sem dúvida alguma, o momento da consagração, momento esse em que os alimentos pão e vinho, simbolicamente, se convertem no corpo e sangue de Jesus. São os gestos, as palavras, a oração dialogada entre o celebrante e os fiéis e a expressividade que acompanham esse rito que mais envolvem as pessoas presentes na Igreja, de acordo com a percepção dos agentes. É um momento carregado de pura magia, de envolvimento, de enlevo e de beleza que mobiliza os fiéis para o passo seguinte que é o da comunhão. Nesse momento, se estabelecerá a relação fundante da liturgia eucarística, que é a troca, a interação e a comunicação entre o crente e o seu deus, entre o profano e o sagrado, entre o real e o *irreal*, na atualização de uma memória, do mito e da história.

Nesse momento em que se encontra um traço material- o significante (os alimentos) e seu valor correspondente- os significados (o corpo e o sangue sagrados) para, desse encontro, resultar um ato de simbolização, de conjunção criadora e subjetiva de significantes e significados. É esse o traço distintivo mais forte que vai marcar, na visão do grupo de agentes, a diferença entre o ritual do culto e o ritual da missa.

Afinal, a consagração é revelada como um rito de tamanha importância que apenas alguém conferido de poderes pode exercê-lo. Apenas o padre, revestido dos atributos divinos e institucionalmente ordenado para essa função, enquanto tal e, naquele momento, uma criatura

divinizada, possui competência e poder para realizar a travessia do mundano para o excepcional, a passagem entre dois mundos: o sagrado e o profano. E, por essa via, conduzir a entrada do fiel ao mundo sagrado. Assim, o fiel, profano, se sacraliza pelas bênçãos do Deus representado na pessoa do celebrante e pelo ato de se fazer penitente. Desse modo, o padre está autorizado, ou melhor, purificado a fazer a entrada do fiel - ou reentrada, porque esse é um momento recorrente em sua vida - para uma dimensão não-terrena, atemporal.

Nessa dimensão, será possível ao fiel comunicar-se diretamente com seu deus sem mediações, porque se encontra pronto, disponível preparado para tal. Nesse preciso e precioso momento da celebração, é possível dizer que se condensam não apenas, e fundamentalmente, o ritual da passagem, mas os da troca, da purificação, da iniciação e da doação. Pois é a dádiva uma das raízes do desenvolvimento da religião, de toda a economia do donativo, do intercâmbio e da relação com Deus, conforme observação de Houtart (1994).

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender o ritual da missa e do culto pelas ações e representações de um grupo de agentes de duas Comunidades Eclesiais de Base, de origem interiorana ou rural todos eles. Tomei como pressuposto que sem o entendimento mais aprofundado dos mecanismos simbólicos com o qual eles operam para dar sentido a suas experiências, ficava difícil compreender os modos como eles se organizavam e se incorporavam na vida urbana.

Do ponto de vista conceitual e metodológico, ressalto que não estava no horizonte desse estudo trabalhar com a dualidade campo *versus* cidade ou com outras categorizações similares em termos de dicotomias. Na verdade, a pesquisa mostrou como estes cenários se superpunham, muitas vezes compondo em um mesmo enredo retratando continuidades na história dos sujeitos dessa investigação. Também não era minha intenção tomar as Comunidades Eclesiais de Base do bairro Petrolândia como expressão de uma totalidade social. Mas, na dinâmica dessas comunidades estava em curso um processo social que permitiu compreender o fenômeno religioso da missa e do culto, que se entrelaçava às vivências cotidianas de um grupo social. Isso possibilitou, a esse grupo, por meio de mecanismos simbólicos estruturar uma de suas experiências de passagem do contexto rural para o urbano.

Dito isso, uma primeira consideração a ser feita é que se a missa é a expressão litúrgica de maior centralidade na história e nas dinâmicas de funcionamento da Instituição católica, ela tornou-se, também, central na história e nas dinâmicas culturais dos agentes interlocutores da presente pesquisa. De prática episódica nem sempre fortemente incorporada à sua vida no interior ou no campo, ela foi apropriada pelo grupo em suas vivências como rituais de celebração de fé em nome da qual se forjaram mecanismos de instituição de laços de sociabilidade na luta pela sobrevivência no mundo urbano. Desse modo, a execução desses rituais esteve permanentemente associada às dinâmicas do bairro, marcando continuidades e descontinuidades, seja em seus momentos de crise, seja em seus momentos de *equilíbrio*. Com Turner, posso dizer que missa e culto, como *Dramas Sociais*, permitiram que conflitos e consensos emergissem e emoldurassem-se na vida social do grupo.

Assim, foi-me possível anotar como a celebração da missa e do culto constituiu-se em um acontecimento emblemático na construção discursiva do grupo social, abrigando elementos formadores de seus modos de viver e de se organizar em busca de condições materiais e simbólicas que permitissem sua inserção no espaço e tempo urbano. Esses rituais, de diversos modos, possibilitaram o debate coletivo de questões da política, da organização, da luta, dos confrontos, das conquistas, das diferenças e das possíveis identidades entre grupos sociais. Expressaram modos como os agentes buscaram se integrar aos códigos da cultura urbana e nela estruturaram um padrão vivencial que não perdeu de vista traços de uma cultura passada. Ou antes, fê-la permanecer. Dessa mesma forma, pude perceber nas celebrações da liturgia da missa e do culto, a reafirmação de uma profissão de fé e de atualização do memorial divino.

NOTAS

(1)- Este artigo baseia-se em minha tese de doutorado em Antropologia Social intitulada: *Os rituais da missa e do culto vistos do lado de fora do altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia- Contagem- MG.*

(2)- Contagem é a segunda cidade em termos populacionais da Região Metropolitana e teve o segundo maior número de pessoas entrevistadas em pesquisa realizada da Arquidiocese de Belo Horizonte. Pelos dados gerais aferidos relativamente à distribuição das religiões na Grande BH é possível dizer que na Paróquia Jesus Operário, na qual está Petrolândia, a maioria de sua população é católica. Feita uma projeção, constatei que, dos quase 18 mil habitantes de Petrolândia, cerca de 13.500 (isto é, 3/4 do total) declararam pertencimento à religião católica.

(3)- Os nomes dados aos entrevistados são fictícios. As entrevistas foram reproduzidas na íntegra.

(4)- Estas falas, comparadas as de um grupo de lideranças católicas em pesquisa feita na paróquia de um bairro de classe alta em Belo Horizonte, o Sion, demonstraram que, a missa dominical não é considerada como a celebração principal. Para esses sujeitos, não é uma obrigação ir à missa aos domingos, e tão pouco ela está incorporada ao seu. A razão mais citada para tal fato é a existência de alternativas de lazer como o clube, o sítio, a casa de amigos. Eles freqüentavam a Igreja, mas não necessariamente aos domingos. Ou seja, o conteúdo do ritual não aparece no repertório desse grupo social, com os mesmos sentidos que aparecem nos de Petrolândia.

BIBLIOGRAFIA

- ARQUIDIOCESE de Belo Horizonte. 1991. Secretariado do Projeto Pastoral Construir a Esperança. *Religião na Grande BH*. Belo Horizonte.
- BOURDIEU, Pierre. 1989, *O poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1981. *Plantar Colher Comer*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Ciências Sociais,
- CAZENEUVE, J. s/d.. *Sociologia do Rito*. Porto: Rés.
- DAMATTA. Roberto. 199. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- DURKHEIM, E. 1989. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- HALBWACHS, Maurice. 2006. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro.
- HAMELINE, Jean-Yves. 1971. *Selèction de textes sociologiques*. Paris: La Maison-Dieu, nº 106.
- HOUTART, F. 1994. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Àtica.
- MAUSS, Marcel. 1988. *Ensaio sobre a Dádiva*. Introdução de Claude Lévi-Strauss. Lisboa: Edições 70.
- MAUSS, Marcel. 1979. “A Prece”. in *Mauss*, Antropologia OLIVEIRA, R. C. de (org.). São Paulo: Àtica, Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (org.). FERNANDES, Florestan (coord.). 1979. *Mauss*. São Paulo: Ática, Coleção grandes Cientistas Sociais, n. 11.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SANCHIS Pierre. 1986. “Uma identidade católica?”. In *Cadernos do ISEER*, Rio de Janeiro, (22):5-16.

TOSTA, Sandra de F. Pereira. 1995 “Igreja, comunicação e movimentos sociais- uma análise comparativa da comunicação nas CEBs e na Mídia Impressa”. PUC-Minas/FIP - fev. /94 a julho/95. *Relatório de Pesquisa*.

TOSTA, Sandra de F. Pereira. 1997. *Os rituais da missa e do culto vistos do lado de fora do altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia- Contagem- MG*. Tese de doutoramento. FFLCH-USP Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. São Paulo.

TURNER, Victor. 1974. *O processo Ritual*. Petrópolis: Vozes.